

EMOÇÃO *VERSUS* RAZÃO: A (IR)RACIONALIDADE DAS EMOÇÕES
EM *LAVOURA ARCAICA*

EMOTION *VERSUS* REASON: THE EMOTIONS' (IR)RATIONALITY
IN *LAVOURA ARCAICA*

Eugênia Ribeiro Teles¹

Recebido em: 10/2020
Aprovado em: 11/2020

Resumo: em *Lavoura Arcaica*, Raduan Nassar escreve uma história fecundada pela sementeira de emoções rebeldes, densas e contundentes que abalam as estruturas da racionalidade. Em várias passagens, percebe-se uma alusão ao embate entre emoção e razão. Diante disso, o objetivo deste artigo é defender que, apesar de aparentemente irracionais, as emoções podem apresentar racionalidade própria, à medida que são corretas e justificadas em algumas situações encontradas na narrativa. Para tanto, utiliza-se como aparato hermenêutico algumas teorias desenvolvidas na área da filosofia das emoções.

Palavras-chave: Filosofia das emoções. Emoção. Razão. Lavoura Arcaica.

Abstract: in *Lavoura Arcaica*, Raduan Nassar writes a story pervaded of rebel, dense and coarse emotions that shake the structures of rationality. In several parts, it can be seen an allusion to the clash between emotion and reason. From this point, the aim of this paper is to argue that although emotions are apparently irrational, they can present their own rationality, as they are correct and justified in some situations found in the novel. For this purpose, some theories developed in the field of philosophy of emotions are the hermeneutic apparatus.

Keywords: Philosophy of emotion. Emotion. Reason. Lavoura Arcaica.

Introdução

A querela entre emoção e razão não é algo recente, porquanto remonta aos primórdios da instauração do *logos* enquanto princípio ordenador do mundo. A ordenação e a inteligibilidade posta através desse princípio é o que possibilita a compreensão e apreensão da realidade, como

¹ Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, Programa de Pós-graduação em Literatura e Interculturalidade – PPGLI – Litterasofia. Hermenêutica Literária em diálogo com a Filosofia e a Teologia. Estágio pós-doutoral, Orientador: Prof. Dr. Antônio Carlos de Melo Magalhães. Professora substituta do Departamento de Filosofia - UEPB. E-mail: eugenateles@yahoo.com.br

também a sua expressão através da linguagem. Nessa perspectiva, se a razão é aquilo que possibilita a ordenação, a inteligibilidade e a compreensão do mundo, contrariamente, as emoções são aquilo que desconcerta, que subverte a ordem das coisas, mostrando-se instáveis quando tentamos compreendê-las. Se a razão opera através de razões e justificações, a emoção, aparentemente, não evocaria nenhuma razão de ser; ela apenas é na medida em que se manifesta abrupta e desconcertante. Assim, devido às emoções estarem situadas no âmbito da sensibilidade, daquilo que nos afeta através dos sentidos elas são o que nos torna instáveis, aquilo que solapa a ordem e nos leva ao caos e situam-se na dimensão psicossomática.

Apesar de que, desde sempre, sentidos negativos e antagônicos foram atribuídos às emoções, não podemos negar que grande parte das nossas experiências no mundo se dá por meio delas. No decorrer do dia, sentimos medo quando passamos por um lugar perigoso. Sentimos raiva quando alguém faz algo contra nós. Sentimos amor quando encontramos ou pensamos nas pessoas amadas. Sentimos culpa quando fazemos algo que magoa alguém. Assim, amor, compaixão, esperança, admiração, medo, indignação, culpa, remorso, ciúme, inveja, tédio, tristeza, orgulho, vergonha, raiva, gratidão, rancor e ira são alguns exemplos de emoções. Intuitivamente, nós somos capazes de identificá-las como emoções, mas sistematicamente temos muita dificuldade em entendê-las, porque apesar de reconhecê-las, elas apresentam características distintas, ou seja, não existe uma uniformidade que perpassa todas as manifestações emocionais. Por isso, arriscamos dizer que as emoções são provavelmente um dos fenômenos mais complexos que acometem o ser humano, na medida em que elas envolvem vários fenômenos físicos e mentais. Podemos perceber essa complexidade ao adentrarmos na narrativa que iremos analisar.

Ao lermos o romance *Lavoura Arcaica*, de Raduan Nassar, nos deparamos com um emaranhado de emoções que compõe o estado físico e mental das personagens de forma a afetar suas atitudes. Trata-se de uma narrativa intensa, na qual não temos noção clara da temporalidade e de uma linearidade no acontecimento dos fatos, pelo menos na primeira parte do romance. São memórias, sensações, percepções e outros estados mentais que compõem a narrativa, demonstrando a confusão na qual se encontrava o protagonista André. Dessa forma, o leitor entra em contato com a percepção do protagonista e narrador, ou seja, sabe sobre o que se passa na Lavoura através de seus olhos. Ademais, conhecemos os outros integrantes do cerne familiar através das suas emoções, que se apresentam ora claras, ora caóticas e contraditórias.

Na sua percepção, André descreve o pai como símbolo da moralidade, da tradição, da razão. Por outro lado, ele se coloca juntamente com sua mãe, sua irmã Ana e seu irmão caçula

como o oposto a essas designações do patriarca, evidenciando assim dois segmentos no corpo familiar: um lado descende do pai, representando a razão e o outro descende da mãe, representando a afetividade e as emoções.

Por isso, a partir das evidências de que existe no romance uma tensão que coloca de um lado a razão e do outro as emoções, buscaremos analisar algumas passagens, tentando compreender as emoções presentes através de dois aspectos importantes, que são suas correções e suas justificações. Isso significa analisar se são emoções que apresentam razões de serem sentidas e estão corretas em serem sentidas. Para tanto, inicialmente buscaremos evidências que sustentem nossa suposição de que existe um conflito entre emoção e razão no romance. A partir dessa constatação é necessário que compreendamos mais profundamente, do ponto de vista filosófico, o que é uma emoção, apresentando assim, aspectos primordiais, tais como algumas características, a fenomenologia, a intencionalidade e a epistemologia das emoções. Feito isto, tentaremos, a partir da teoria perceptual das emoções, defender que algumas emoções presentes no romance apresentam sua própria racionalidade, dessa forma enfraquecendo a assertiva de que as emoções são irracionais.

O embate emoção versus razão em *Lavoura Arcaica*

Lavoura Arcaica é um romance que foi escrito por Raduan Nassar, publicado originalmente em 1975, mas utilizamos em nosso estudo uma edição revisada, publicada em 2016. À época da primeira publicação, foi um romance muito aclamado pela crítica. A obra se constitui como uma narrativa, na qual o personagem-narrador, André, um dos filhos do meio de uma família camponesa, conta a história da família através de suas lembranças e percepções. Dessa forma, somos levados a acessar o conteúdo mental do protagonista. A narrativa se desenvolve, em grande parte, através de metáforas, trazendo um riquíssimo conteúdo descritivo das percepções e emoções vivenciadas pelo André.

Sucintamente, podemos dizer que a história baseia-se na fuga do protagonista do seio familiar, pois ele estava sob o domínio do pai autoritário. Mas não era apenas um escape dos ditames do genitor; além disso, tinha o sentimento de culpa e da rejeição da irmã Ana, após um amor incestuoso vivenciado pelos dois. Nesse sentido, o romance é dividido em dois momentos: *a partida*, a qual é marcada por uma narrativa embasada em memórias e, portanto, não linear; e, *o retorno*, na qual é possível ver a linearidade da narrativa e, cujo ápice é a tragédia decorrente do desvelamento do ato incestuoso. Nesse ápice, o pai, que preconiza a razão e a lucidez durante

toda a história, encontra-se totalmente transfigurado e ensandecido, agindo totalmente dominado pela ira, põe fim à família a que tanto amava e prezava.

Naturalmente, o ser humano apresenta em sua constituição tanto a capacidade de ser racional, como também de sentir emoções. Algumas pessoas apresentam uma predominância de um aspecto em detrimento do outro; outras, conseguem equilibrá-los. Nesse sentido, há aqueles que são condicionados à sensibilidade, procurando satisfazer a todo custo os seus apetites mais imediatos (Meyer, 1994). Esses apetites podem ser vistos como positivos ou negativos, dependendo de como eles atuam na pessoa e das consequências que engendram. Geralmente, quem se encontra nessa condição ainda não desenvolveu a capacidade de perceber suas emoções e de como elas interferem nas suas condutas e decisões. Mas, além desses, há aqueles que conseguem identificar suas emoções e através da razão conseguem suplantá-las de forma que não são controlados cegamente por elas.

Em *Lavoura Arcaica*, dentre tantas passagens que podemos associar à dicotomia emoção-razão, há uma no capítulo 24, em que a posição dos membros da família sentados à mesa tem muito a nos dizer:

Eram esses nossos lugares à mesa na hora das refeições, ou na hora dos sermões: o pai à cabeceira; à sua direita, por ordem de idade, vinha primeiro Pedro, seguido de Rosa, Zuleika e Huda; à sua esquerda, vinha à mãe, em seguida eu, Ana e Lula, o caçula. O galho da direita era um desenvolvimento espontâneo do tronco, desde as raízes; já o da esquerda trazia o estigma de uma cicatriz, como se a mãe, que era por onde começava o segundo galho, fosse uma anomalia, uma protuberância mórbida, um enxerto junto ao tronco talvez funesto, pela carga de afeto; podia-se quem sabe dizer que a distribuição dos lugares na mesa (eram caprichos do tempo) definia as duas linhas da família. (NASSAR, 2016, p. 158-159).

O pai, sentado à cabeceira representa a base, o tronco, aquele que utiliza o *logos* nos seus sermões, que conhece as regras e os ditames da moral e dos bons costumes. Em seus discursos o sentido e a coerência se fazem presentes. Através dele as verdades atemporais são repassadas. Verdades que não podem ser questionadas nem contestadas. Aquele que o faz está doente aos olhos do pai. Aquilo que foge à compreensão da razão é tido como absurdo, como anômalo, como doente. Quando André questiona as verdades ditas, este o acusa de falta de clareza, de confusão mental, de dissimulação. O discurso do André não atendia às regras da razão. O patriarca é enfático ao evidenciar isso, “faça um esforço meu filho, seja mais claro, não dissimule, não esconda nada do teu pai, meu coração está apertado também de ver tanta confusão na tua cabeça. Para que as pessoas se entendam, é preciso que ponham ordem em suas

ideias” (idem, p. 162). Para ser significativo é preciso que o discurso seja inteligível. André, ao falar de suas emoções, não se fazia entender pelo pai, pois trazia à tona as incongruências que perpassam sua dimensão emocional. Ele diz: “toda ordem traz uma semente de desordem, a clareza, uma semente de obscuridade, não é por outro motivo que falo como falo” (ibidem).

Mantendo-se no mesmo galho paterno, estavam à direita aqueles filhos e filhas que seguiam incontestavelmente as suas orientações. Aqueles que cumpriam as regras, que aceitavam as verdades sem questioná-las: Pedro, Rosa, Zuleika e Huda. Pedro, o primogênito, o Filho perfeito, obediente, que habita na senda iluminada da razão. O pai é símbolo do sol, aquele que traz luz, clareza, discurso logicamente encadeado. Por outro lado, à esquerda encontramos o galho de descendência materna. “Uma anomalia”, uma “protuberância mórbida”, “um enxerto”, designações referentes à dissensão desse galho em relação ao galho da razão. Qual o motivo desse “enxerto” não ser um desenvolvimento espontâneo do tronco? “A carga de afeto”! Os afetos se mostram protuberantes no galho esquerdo, descendente do feminino. Histórica e culturalmente, o feminino está relacionado às emoções, ao mistério obscuro da lua que se opõe à clareza do sol. Assim, se observarmos as características inerentes aos personagens que compõem o seguimento materno, percebemos uma complexidade que perpassa não apenas o sentir, mas a percepção da realidade diferenciada do galho da direita. A mãe representa a manifestação dos afetos, é aquela que acolhe, que evoca sensações, que manifesta emoções.

No início do romance, quando Pedro encontra André em um quarto de pensão, as memórias retornam contundentes. Lembranças dos sermões do pai com sua verdade praticamente inquestionável. É de posse dessas verdades que André julga a si próprio. Esse julgamento o coloca do lado oposto à luz. O obscuro se faz presente em toda confusão emocional constituinte desse filho pródigo. O pai sempre falava que “os olhos são a candeia do corpo, e que se eles eram bons é porque o corpo tinha luz, e se os olhos não eram limpos é que eles revelavam um corpo tenebroso (...)” (NASSAR, 2016, p. 17). André se julgava tenebroso, não se identificava com o segmento da família voltado à luz. Seus pensamentos não eram claros e ordenados. Seus sentimentos não se enquadravam nos moldes preconizados pelo progenitor. Quando ele diz: “e eu ali, diante de meu irmão, respirando um cheiro exaltado de vinho, sabia que meus olhos eram dois caroços repulsivos (...) (ibidem). “Eu estava era escuro por dentro, não conseguia sair da carne dos meus sentimentos” (idem, p. 18). Nessa frase, fica claro como os sentimentos reportavam à escuridão. A escuridão “da carne” dos sentimentos. Os sentimentos acontecem enquanto fenômeno “na carne”.

A escuridão é uma alusão não apenas à ausência de luz, mas também ao obscurantismo inerente às emoções. Essas, por sua vez, são objetos de difícil compreensão, por não apresentarem uma unicidade entre si. Apresentam características distintas, fenomenologias diferentes, objetos intencionais os mais diversos que se possa imaginar. Ressaltamos esses aspectos a título de ilustração, pois eles serão explicados na seção seguinte, na qual falaremos sobre as emoções. Analogamente, ao mesmo tempo que André não encontrava seu lugar à mesa da família (afinal a razão e suas regras não conseguem abarcar os paradoxos causados pelas emoções), a sua presença era necessária. A família se desestruturou com a ausência daquele que representava o caos, a confusão. Ao mesmo tempo em que a razão tenta dirimir, negar e controlar as emoções por causa de seu lado ininteligível e inefável, não é possível conceber um ser humano saudável e equilibrado sem elas. Um exemplo de como a ausência das emoções causa um desequilíbrio no sistema de um indivíduo, é o problema dos psicopatas. As pessoas que apresentam esse distúrbio compreendem do ponto de vista racional que é errado torturar as pessoas e matá-las. De acordo com Prinz (2006), o que impulsiona a ação abominável de um psicopata não é a ausência de racionalidade (visto que ele tem consciência de que o que faz é errado e criminoso), mas a ausência de emoções básicas como medo, tristeza e empatia.

Analogamente, a ausência de André causa uma desestrutura no corpo familiar. O irmão mais velho diz enfático “ela não contou pra [sic] ninguém da tua partida; naquele dia, na hora do almoço, cada um de nós sentiu mais que o outro, na mesa, o peso de tua cadeira vazia [...]” (Nassar, 2016, p. 27). Mais adiante, ele reitera que “era preciso que você estivesse lá [...]” (idem, p. 28). O corpo familiar, apesar da predominância da razão efetivada na figura do pai, não era completo sem as emoções representadas pelo filho André. Sua ausência abalava toda a dinâmica da família. Desde cedo, ele já demonstrava a intensidade das emoções que lhe acometiam. Para ele, a desunião da instituição familiar “começou muito mais cedo [...] no tempo em que a fé me crescia virulenta na infância [...] eu era mais fervoroso que qualquer outro em casa.” (ibidem). Desde criança, André não se sentia adequado aos padrões frios da razão. O fervor denota a intensidade do sentir, o fogo que derrete as paredes gélidas do raciocínio inferencial.

Como o discurso do pai partia de premissas aparentemente verdadeiras, embasadas nas Escrituras, nas convenções sociais e nas regras morais vigentes, suas conclusões eram praticamente inquestionáveis sob a égide da preservação da verdade inerente ao raciocínio dedutivo. Mas, André não encontrava seu lugar nesse tipo de raciocínio, pois o paradoxo que envolve muitas das emoções que sentimos não pode ser compreendido através das regras

inferenciais consagradas, como o princípio da não-contradição. Como entender a contradição de sentir desejo sexual por alguém que não pode desenvolver o papel de amante, pois já possui o papel de irmã. Esse conflito André carregava dentro de si.

Assim sendo, o romance é marcado por muitas dualidades que se apresentam em diversos momentos, evidenciando, amiúde, o embate entre a razão e as emoções. Poderia ser pensado como um jogo entre a luz e a sombra. A luz designada pelo discurso marcado por uma “sintaxe própria”, aparentemente “dura e enrijecida pelo sol e pela chuva”. À mesa dos sermões, a clareza da boa conduta, do exemplo a ser seguido, da vida planejada e conduzida de acordo com os princípios. Entretanto, as sombras precisavam também participar desse jogo, era preciso adentrar nos corredores confusos e escuros nos quais a razão não ousa entrar. Era preciso “suspender o tampo do cesto de roupas no banheiro”, pois ali se encontrava a intimidade de cada um. O que seria mais íntimo do que o próprio sentir de cada indivíduo? O que seria mais íntimo do que o estado mental atrelado ao sentir que só é acessado a partir da externalização de quem sente? André se propõe a adentrar nesse cesto de roupas sujas: “era o pedaço de cada um que eu trazia nelas quando afundava minhas mãos no cesto [...] (Nassar, 2016, p. 46), eram também “as coisas exasperadas da família deitadas no silêncio recatado das peças íntimas [...]” (ibidem).

Se no desenrolar da trama parece não haver uma harmonia entre a forma como o pai e o filho percebem a vida, a presença dos dois parece ser imprescindível para o equilíbrio do clã. Aparentemente, não haveria uma influência de um sobre o outro, pela forma antagônica com que ambos se manifestam, mas como veremos adiante, é possível pensar em certa racionalidade na caoticidade de André ao manifestar suas emoções, bem como é possível perceber o arroubo das emoções de forma contundente na racionalidade do pai. Desta feita, para compreendermos como isso é possível, precisamos adentrar nos domínios das emoções com o intuito de desvelarmos o que são esses sentimentos que nos acometem, influenciando-nos tanto positiva, quanto negativamente.

O que é uma emoção?

As emoções, por serem complexas, sempre tiveram lugar incerto e muitas vezes foram consideradas como um perigo à racionalidade e à moralidade. Contudo, nos últimos anos, o estudo das emoções tem se tornado alvo de interesse tanto na filosofia, quanto em outros segmentos das ciências cognitivas (DE SOUSA, 2013). Tradicionalmente, podemos utilizar

duas maneiras de conceber as emoções: como sensações ou como estados mentais intencionais (cognitivos) (DEIGH, 2010). A primeira perspectiva é um pouco simplista e não abarca toda a complexidade inerente às emoções. A segunda, por outro lado, é mais satisfatória, conforme veremos mais adiante, mas ainda incompleta.

No estudo das emoções, precisamos utilizar aparatos conceituais que sejam sensíveis às suas complexidades. Assim, para sistematizar nosso estudo, escolhemos, dentre tantas, algumas características centrais, tais como: a *fenomenologia*, que designa o papel dos sentimentos nas emoções; a *intencionalidade*, que revela o fato de cada emoção ser direcionada a um objeto intencional, e por último, a *epistemologia*, que está relacionada aos padrões de correção e justificação a que a emoção responde. Além dessas, não podemos deixar de mencionar aspectos tais como intensidade, instabilidade, durabilidade e parcialidade. Por último, apresentaremos de forma breve algumas teorias que tentam responder o que é uma emoção.

Primordialmente, as emoções eram designadas como paixões. Paixão é um termo que nos remete a algo involuntário, algo que nos afeta de forma passiva, a uma afecção. Dito de outra maneira, quando mencionamos que estamos com vergonha de algo, que estamos com medo de alguém e tristes por alguma coisa, por exemplo, essas locuções nos remetem ao pensamento de que as emoções são reações que passivamente sofremos (DEONNA; TERONI, 2012). Ao sentirmos uma emoção, é como se sofrêssemos uma afecção oriunda de algo ou alguém que age sobre nós, nos causando distúrbios psicológicos e físicos. Os distúrbios físicos são imediatamente sentidos. Imaginemos o medo que sentimos ao nos depararmos com um cachorro bravo. A percepção do cachorro prestes a nos atacar desencadeia em nós o medo de ser atacado. O medo se manifesta através do nosso corpo de modo que sentimos o coração acelerado, a respiração ofegante, aumento da pressão sanguínea, entre outros sintomas. Esses distúrbios que ocorrem a nível corpóreo é o que se designa como *fenomenologia* das emoções. A fenomenologia diz respeito ao modo de manifestação da emoção, é o que caracteriza o experimentar de cada emoção. Por exemplo, o que sentimos quando estamos com raiva é diferente do que sentimos quando estamos com vergonha.

Acima, mencionamos que as emoções são reações; então, se são reações, supostamente elas são reações a alguma coisa. Quando alguém sente raiva, a primeira pergunta que nos vem à mente é: está com raiva de quê ou de quem? Diante desse cenário, muitos filósofos que estudam as emoções chamam-nas de fenômenos intencionais (DEONNA; TERONI, 2012, p.03). Essa terminologia é apenas para dizer que as emoções são sempre em relação a algo. Trata-se de dizer que a emoção que sentimos é sempre em relação a alguma coisa, e essa coisa

é o que se chama de objeto intencional da emoção. Por isso, toda emoção possui um objeto intencional. A questão da intencionalidade traz dois aspectos relacionados às emoções: o fato de que cada emoção possui um objeto intencional, conforme já mencionamos, e o fato de que cada emoção parece intimamente conectada com valorações sobre esse objeto. Em um dos diálogos de André e seu pai fica evidente a raiva que este sentiu do filho quando aquele discordou das suas colocações e convicções. André, com suas ideias, se constitui como o objeto intencional da raiva paterna. A raiva, por sua vez, está intimamente conectada com valorações sobre o objeto intencional, que no caso, como o pai vociferou “Não foi o amor, como eu pensava, mas o orgulho, o desprezo e o egoísmo que te trouxeram de volta à casa!” (NASSAR, 2016, p. 171).

A intencionalidade das emoções nos permite fazer outra avaliação, pois o fato delas serem diretamente ligadas a um objeto intencional permite-nos avaliar até que ponto essas emoções apresentam o padrão de correção (DEONNA; TERONI, 2012). Isto significa dizer que uma emoção só, e somente só, é considerada correta se adequar-se aos fatos. Por exemplo, a cabra da fazenda denominada de Schuda, era um animal dócil, cuidado por André, que não oferecia perigo algum. Obviamente, ele não tinha nenhum medo dela, mas suponhamos que Ana, ao avistar a cabra vindo em sua direção, comece a entrar em pânico por achar que será atacada por ela. O pânico de Ana seria correto se a cabra fosse realmente brava e oferecesse real perigo.

Para além do padrão de correção, é preciso considerar a justificação das emoções. Uma emoção é justificada ou injustificada baseada nas razões que a pessoa tem para senti-la (ibidem). Ainda utilizando o exemplo da cabra, se Ana já tivesse sido atacada por uma cabra, então ao avistar aquela ela entraria em pânico devido às suas experiências anteriores. Nessa perspectiva, seu pânico seria justificado, apesar de não ser correto.

Para além da *fenomenologia, intencionalidade e epistemologia*, as emoções apresentam outras características. Por vezes elas podem se apresentar de forma branda ou intensa, por um período de tempo muito curto ou prolongado, causam instabilidade associadas às mudanças físicas, mentais e psicológicas, bem como podem apresentar um aspecto de parcialidade ou intermitência.

Muitas emoções apresentam uma *intensidade*. Ao observar alguém que está vivenciando um estado emocional, podemos identificar se o episódio apresenta-se de forma branda, moderada ou intensa. Assim, por exemplo, na conversa que André teve com o pai à mesa do jantar, ao discordar das colocações do filho, o pai demonstra sua raiva e reage bruscamente quando André diz que “se sou confuso, se evito ser mais claro, pai, é que não quero criar mais

confusão.” (NASSAR, 2016, p 171). Imediatamente o patriarca reage de forma intensa, “– Cale-se! Não vem desta fonte a nossa água, não vem destas trevas a nossa luz, não é a tua palavra soberba que vai demolir agora o que levou milênios para se construir;” (idem).

Sente-se a raiva na fala do patriarca em decorrência do que ele percebeu no filho como antagonico a seus conhecimentos. A opinião de André é o objeto intencional da raiva paterna. Ele sentiu-se ofendido por ter seus ensinamentos questionados. A forma como a ofensa é percebida desencadeia uma emoção que pode ser branda ou intensa, chagando, às vezes, ao extremo de desejar matar o ofensor, como veremos mais adiante. Assim, as nossas emoções podem desencadear reações brandas, moderadas, intensas ou muito intensas e essas reações estão diretamente relacionadas à magnitude com que as sentimos.

Outra característica relacionada às emoções é a *instabilidade* que está associada a mudanças que ocorrem nos âmbitos mental e físico. Inicialmente, o pai se encontrava ainda disposto a tentar convencer seu filho sobre a verdade do seu ponto de vista. À medida que ele percebeu ser em vão seu esforço, começou a haver uma mudança na perspectiva psicológica: visivelmente, a impaciência e a irritabilidade se instalaram, como é patente em suas palavras. Ou seja, as emoções indicam uma transição no nosso estado inicial para um outro estado posterior, que ainda não se configura estável.

Utilizando o exemplo acima do pai que sente raiva quando se julga ofendido, digamos que até o momento anterior à ofensa ele estava conversando tranquilo, em paz; podia não estar experimentando nenhuma emoção, mas a partir do momento em que se identificou com a ofensa, houve uma mudança no seu estado psicológico e físico, representada pela raiva sentida. Houve, pois, uma agitação, uma instabilidade, que tende a perdurar até o arrefecimento do sintoma. De tal forma que André evidenciou isso com as seguintes palavras: “quanta amargura meu pai juntava à sua cólera!” (NASSAR, 2016, p.171)

A *brevidade* é outra característica das emoções que está associada à duração de uma emoção. Normalmente, diz-se que as emoções são episódios relativamente breves, mas isso não é algo que se aplica a todas as emoções. Existem emoções muito breves, mas também existem emoções que podem perdurar a vida toda. A hipótese de que as emoções são estados essencialmente breves baseia-se na instabilidade própria dos estados emocionais, porque um sistema não pode permanecer instável por um longo período e funcionar normalmente. Com efeito, o estado de mudança não pode permanecer longamente, haja vista que, depois de um tempo, o sistema assume a mudança como uma situação normal e estável (BENZE’EV, 2010). Esse fato pode ser associado a muitas emoções, mas existem outras, como o amor, que pode

não se enquadrar nessa brevidade. Quando sentimos amor por uma pessoa esse amor pode durar a vida toda.

De acordo com BenZe'ev (2010), as emoções apresentam a *parcialidade* como uma de suas características. As emoções são parciais em dois sentidos: elas são relacionadas a um objeto intencional e elas denotam uma perspectiva subjetiva em relação a esse objeto. Naturalmente, o objeto de nossa emoção nos prende a ele através do foco e da atenção que nós lhe dispensamos. Assim, enquanto dura um episódio emocional, ficamos geralmente obcecados pela pessoa ou pela situação que nos causou tal sensação. Quando André contou a Pedro sobre seu sentimento incestuoso pela irmã, evidenciando a força da emoção que sentia, ele diz de forma intempestiva: “(...) era Ana a minha enfermidade, ela a minha loucura, ela o meu respiro, a minha lamina, meu arrepio, meu sopro, o assédio impertinente dos meus testículos” (NASSAR, 2016, p. 111). Através de seu sentimento, André atribuía qualificações a Ana que deveras a ela não pertenciam. Eram, senão, frutos da sua percepção embebida pelo sumo da emoção avassaladora que sentia pela irmã. Ana era o objeto intencional a evocar no irmão uma miríade de sensações, as quais foram descritas por ele na sua fala acima. Ademais, todas as descrições feitas em relação a Ana demonstram a perspectiva subjetiva de percepção daquele objeto intencional.

Essas características típicas mencionadas são indispensáveis para compreendermos o que é uma emoção, mas não nos dá uma resposta sobre o que é uma emoção. De fato, essa questão não é tão facilmente respondida e quando o é, a resposta não está isenta de problemas. Por isso, existem diversas teorias que visam contribuir para clarificar esse objeto de estudo da filosofia das emoções.

Como mencionamos no início desta seção, no cerne da discussão sobre o que é uma emoção, há aqueles que defendem que elas são estados afetivos enquanto outros defendem que as emoções são estados cognitivos. A partir dessa divisão, mostraremos a seguir três teorias que apresentam essas duas perspectivas: a teoria baseada apenas nas sensações, a teoria baseada nos julgamentos de valores, a teoria baseada na percepção de valores.

William James é proponente de uma teoria na qual ele defende a ideia de que as nossas emoções são as sensações corpóreas que sentimos quando estamos em um determinado estado emocional. Nessa perspectiva, a raiva que o pai sentiu quando foi confrontado pelas ideias propostas por André que eram contrárias às suas, por exemplo, seria um sentimento que corresponde a algumas mudanças fisiológicas, como o coração batendo mais rápido, aumento da pressão sanguínea, rubor facial, alteração da voz. De acordo com James (PRICE, 2015), as

mudanças corpóreas são a emoção. No entanto, nos questionamos se as mudanças corpóreas causam a emoção ou se a emoção causa as mudanças corpóreas, pois a relação causal não é algo tão evidente. Então, reduzir as nossas emoções apenas à dimensão do sentir parece algo bastante ingênuo.

Além da *fenomenologia*, vimos que podemos falar em *intencionalidade e epistemologia* das emoções, baseado nisso, e como uma alternativa à teoria fenomenológica de James, existe a teoria que define a emoção como um *juízo de valor* (SOLOMON, 1976; 2006). Avesso à ideia de James, Solomon suprime o aspecto fenomenológico e dá ênfase aos aspectos cognitivos das emoções. Assim, por exemplo, o amor que sentimos por alguém decorre do julgamento de que essa pessoa é amável (*lovable*). Contudo, não é simplesmente o conteúdo proposicional “X é amável” que, apesar de expressar um julgamento, evoca a emoção. A emoção é evocada pelo ato de julgar e não pela proposição que expressa o julgamento. De acordo com Price (2015), podemos dizer que a ideia principal defendida por Solomon consiste, primeiramente, na definição de o que é uma emoção. Nesse sentido, uma emoção corresponde à avaliação que uma pessoa faz de uma dada situação ou de um dado objeto; e o tipo de avaliação envolvida é um julgamento de valor. Assim sendo, sentir medo de algo é julgá-lo como amedrontador, sentir admiração por alguém é julgá-la admirável, e assim por diante.

Percebemos que Solomon, contrariamente a James, dá uma ênfase à *intencionalidade* das emoções, o quê, por um lado, supre a negligência de James na sua teoria, mas, por outro, evidencia a sua própria negligência em relação à *fenomenologia* das emoções. Ou seja, os dois atingem os extremos opostos e ambos falham em definir satisfatoriamente o que é uma emoção, visto que *fenomenologia, intencionalidade e epistemologia* são aspectos fundamentais. Por isso, a *teoria perceptual das emoções* oferece um lugar às sensações e se baseia em duas afirmações: as emoções envolvem as sensações e as emoções envolvem representações (conteúdos cognitivos).

A *teoria perceptual* promulga que as emoções são, essencialmente, experiências perceptuais das propriedades avaliativas dos objetos (TAPPOLET, 2016). Nessa acepção, o conteúdo representacional das emoções não é conceitual como na teoria avaliativa. Para entendermos a diferença entre conteúdos conceituais e não conceituais, tomemos, por exemplo, a experiência perceptual de André ao ver uma rosa vermelha nos cabelos de Ana. A experiência visual da rosa vermelha e o julgamento de que a rosa é vermelha e está no cabelo de Ana são ambos sobre a mesma rosa vermelha, entretanto, ambos representam seus objetos e propriedades de forma diferente. A experiência visual é como se fosse uma fotografia, um

instantâneo da rosa vermelha no cabelo de Ana. A captação dessa imagem é diferente do julgamento de que a rosa é vermelha e está no cabelo da Ana. Se, por um lado, a experiência visual não precisa de conceitos para capturar o objeto, portanto sendo não conceitual, por outro lado, o julgamento é conceitual na medida em que ele necessita dos conceitos para descrever seu objeto. Ele precisa dos conceitos de *rosa*, *vermelho* e *cabelo* para julgar que a rosa é vermelha e está no cabelo da Ana.

Além dessa diferença que concerne à questão dos conteúdos representacionais, outra diferença que pode ser pontuada entre uma experiência perceptual e os julgamentos de valores é que esses últimos ocupam um lugar no raciocínio. De fato, uma das características dos julgamentos é o fato de eles formarem uma rede complexa de inferências (TAPPOLET, 2016). Diante dos seguintes julgamentos: a rosa é vermelha, o xale é vermelho e a maçã é vermelha, temos o conceito de vermelho em comum e podemos fazer relações inferenciais a partir deles. Para postularmos que a rosa vermelha está nos cabelos da Ana, a pessoa que tem um xale vermelho cobrindo seus ombros e gosta de comer maçã vermelha, percebemos que precisamos de constituintes de conteúdo, formados por diferentes conceitos. Dessa forma,

[...] os conceitos podem ser definidos como constituintes inferencialmente relevantes do conteúdo. Um estado mental é conceitual se ele tem um conteúdo que envolve tais componentes, e é não conceitual se não for esse o caso. Assim, uma pessoa terá um conceito na condição de que alguns de seus estados mentais têm conteúdos que envolvem o conceito em jogo. Para possuir o conceito montanha, por exemplo, é necessário ter estados mentais sobre montanhas cujo lugar na rede inferencial é determinado em parte pelo conceito de montanha, como o julgamento de que o que você vê é uma montanha (TAPPOLET, 2016, p. 17-18).

Porém, em relação ao conteúdo das experiências perceptuais parece algo não conceitual. Nesse aspecto, a teoria perceptual, devido à analogia entre experiências perceptuais e as emoções, considera que os conteúdos das emoções são não conceituais. Ou seja, apesar de que é possível que as emoções envolvam conteúdos conceituais, não é necessário que uma pessoa possua determinados conceitos para experimentar a emoção. Por exemplo, não é necessário possuir o conceito “raiva” para sentir raiva e representar algo como enraivecedor (TAPPOLET, 2016, p. 18). Outro ponto importante é que mesmo que as emoções apresentem conteúdos estruturados semelhantes aos conteúdos das experiências sensoriais, elas não precisam ter conteúdos proposicionais como os julgamentos necessitam. Assim, sucintamente, podemos dizer que **a emoção é uma experiência perceptual da propriedade avaliativa dos objetos**

intencionais.

Visto que há a possibilidade de se definir as emoções em termos de percepções, Tappolet (2016) desenvolve o principal argumento que embasa essa definição, mostrando as analogias existentes entre as emoções e as percepções. Uma dessas características é que as emoções e as experiências sensoriais são estados conscientes, caracterizados pelas propriedades fenomenológicas. Quando vemos a rosa vermelha, temos consciência de que se trata de uma rosa e de que ela é vermelha, e essa impressão surge na nossa mente imediatamente ao vermos a rosa vermelha. A sensação visual da rosa vermelha é diferente da rosa amarela, de forma que cada percepção gera uma sensação distinta.

Outro ponto análogo entre emoção e percepção é sobre a espontaneidade e à forma automática como elas se manifestam independentemente de nossa vontade. Esses dois tipos de experiência são diferentes de ações voluntárias em que a pessoa decide se quer ou não fazer; elas, ao contrário, são involuntárias e automáticas em resposta a algo no mundo.

Por último, podemos ainda destacar que tanto as emoções quanto as experiências perceptuais possuem condições de correção. As emoções podem ser avaliadas em termos de adequação, ou seja, se são ou não apropriadas. Quando alguém sente medo do que é realmente perigoso, como, por exemplo, um assaltante armado, dizemos que o medo dessa pessoa é apropriado ou correto, pois se ajusta ao estado de coisas. Da mesma forma, se alguém vê um gato cinza e diz tem a experiência perceptual de que o gato é preto, então essa percepção não atende às condições de correção porque não se adequa ao estado de coisas.

Tendo minimamente compreendido o que é uma emoção, através de algumas características fundamentais e da teoria perceptual principalmente, nos permitirá uma interpretação pertinente das emoções que exsurtem em alguns personagens da *Lavoura Arcaica*, como veremos adiante.

As emoções em Lavoura Arcaica

O romance em estudo é permeado por diversas cenas nas quais percebemos a predominância de várias emoções. Portanto, nosso intuito é, a partir de duas passagens específicas, o incesto e o assassinato de Ana, fazer uma análise das emoções sentidas por alguns personagens envolvidos nessas cenas.

Para tanto, faz-se necessário elegermos uma concepção através da qual faremos nossa análise. De acordo com o exposto na seção anterior, descartamos as teorias das emoções

baseadas apenas na *fenomenologia* e a *dos julgamentos de valores*, por ambas serem incompletas quanto aos aspectos básicos das emoções, utilizaremos a teoria *perceptual*.

Uma cena crucial no romance trágico de Nassar é a relação incestuosa dos irmãos André e Ana. Do ponto de vista moral, o incesto é algo proibido e abominável, mas esse juízo não é formado puramente pela razão ou por um código moral. Para exemplificarmos isso, utilizamos uma experiência feita por HAITT (2000) para saber sobre como as pessoas julgariam uma situação de incesto acontecida de forma deliberada e consensual (Autor, xxxx). A situação é a seguinte: Julie e Mark são irmãos que estão viajando juntos e em determinado momento decidem que pode ser divertido fazerem amor, visto que ambos sentem atração um pelo outro. Cada um deles está aparentemente bem com essa ideia, no mínimo isso é uma experiência nova para os dois e ambos decidiram vivê-la. Em relação à possibilidade de uma gravidez problemática, Julie já estava tomando anticoncepcional e Mark usaria um preservativo para que não houvesse nenhum risco. As coisas aconteceram de tal forma que após consumarem o ato incestuoso, os dois gostaram e resolveram fazer novamente. E, apesar deles não terem nenhum sentimento de culpa, decidiram que manteriam o ocorrido em segredo. Diante desse relato, foi perguntado sobre o que as pessoas achavam dessa situação, isto é, se elas achavam que estaria tudo bem para os irmãos fazerem amor, ou se achavam que era errado. Prontamente, as pessoas julgaram que era errado e começaram a apresentar razões que demonstravam o erro.

Várias razões foram apresentadas. Algumas pessoas falaram sobre a possibilidade de Julie engravidar, mesmo sabendo que os dois estavam usando contraceptivos; outras argumentaram que o ato poderia causar uma ferida emocional (mesmo estando claro que foi consensual e que ambos estavam preparados para isso); quando as razões apresentadas contra o ato foram refutadas, as pessoas simplesmente disseram que “não sabiam”, “não conseguiam explicar”, mas “sabiam que era errado”; talvez esse “saber” que é errado esteja fundamentado em algo inconsciente, construído a partir da cultura e de códigos de conduta aceitos dogmaticamente. Por isso, a aversão à ideia de dois irmãos fazerem amor. Entretanto, fica a questão de como podemos saber que algo é errado sem sabermos realmente por que é errado? Muitas vezes não se trata realmente de saber que algo é certo ou errado, mas de sentir que algo é certo ou errado. Nesse sentido, Pequeno (2012, p.99) nos diz que “a percepção que temos das ações morais, sejam as nossas ou de outrem, decorre do nosso sentimento de aprovação ou reprovação.” É no nível do sentimento que encontramos respostas para questões que não encontramos razões para justificá-las. Pois, “este sentimento moral que nasce em nós decorre de uma impressão original própria à natureza humana: a possibilidade de sentir prazer ou dor.”

(Ibdem). É portanto, o sentimento de prazer e dor inerente à natureza humana o que nos suscita a nos desviar das coisas que geram dor e nos aproximam das coisas prazerosas.

A exemplo de Julie e Mark, Ana e André também praticaram uma relação incestuosa; entretanto, no romance, não fica explícito até que ponto eles ponderaram e decidiram consensualmente que queriam essa relação. Temos acesso ao imaginário e aos desejos de André, mas o que sabemos sobre Ana é através dos olhos e sentimentos dele. O desejo de André pela irmã, aparentemente, era conflituoso, como podemos ver na seguinte passagem:

[...] eu estou louco! E que saliva mais corrosiva a desse verbo, me lambendo de fantasias desesperadas, compondo máscaras terríveis na minha cara, me atirando, às vezes mais doce, em preâmbulos afetivos de uma orgia religiosa: que potro enjaezado corria o pasto, esfolando as farpas sanguíneas das nossas cercas, me guiando até a gruta encantada dos pomares! (NASSAR, 2016, p. 97-98).

Considerar loucura o desejo pela irmã que o assalta com “fantasias desesperadas” o faz sentir-se abominável, detestável e execrável, julgamentos estes que compõem a máscara de sua autoimagem. Essa imagem conflita com a doçura de prelúdios afetivos de uma devassidão religiosa ao confrontar com o código de conduta e da moralidade advinda do pai. O entendimento desses códigos, essas cercas que delimitavam o que podia e não podia fazer foram quebradas pelo galope do potro indomável da emoção “esfolando as farpas sanguíneas das nossas cercas”, rompendo com as barreiras da consanguinidade. No nível emocional em que André se encontrava, ele tinha consciência de todas as cercas que o prendiam; ele não tinha perdido a razão. Ele tinha ciência dos ensinamentos do pai. Entretanto, o potro queria quebrar as cercanias para adentrar na “gruta encantada dos pomares”. A pulsão do “galope” talvez fosse oriunda do desejo e das emoções evocadas pelo objeto intencional.

Isso nos leva a questionar até que ponto Ana, o objeto intencional das emoções incestuosas de André, correspondia a esses sentimentos. Em algumas passagens, fica sutilmente subentendido que Ana também possuía sentimentos incestuosos pelo irmão. Em dado momento, André tem a impressão que Ana estava a espreitá-lo em seu quarto. Ao sair para averiguar ele não a encontra, mas sua impressão não fora suplantada pela visão da ausência de Ana, pois,

[...] voltando ao quarto onde eu ficava, mal entrei voei para a janela, espiando atrás da fresta (Deus!): ela estava lá. Não longe da casa, debaixo do telheiro selado que cobria a antiga tábua de lavar, meio escondida pelas ramas da velha primavera, assustadiça no recuo depois de um ousado avanço, olhando ainda com desconfiança pra minha janela, o corpo de campônia, os pés descalços, a

roupa em desleixo cheia de graça, branco branco o rosto branco e eu me lembrei das pombas, as pombas da minha infância, me vendo também assim, espreitando atrás da veneziana [...] (idem, p. 98-99).

A espreitada de Ana através da veneziana era um indicativo para André de que ela nutria o mesmo sentimento de amor por ele; isso fica evidente quando ele diz mais adiante que “[...] ela estava lá, branco branco o rosto branco e eu podia sentir toda dubiedade, o tumulto e suas dores, e pude pensar cheio de fé eu não me engano neste incêndio, nesta paixão, neste delírio [...]” (idem, p. 100). Parece que André tinha razão quanto à reciprocidade dos sentimentos entre os dois, visto que ela voltou, foi encontrá-lo, “(...) ela estava agora diante de mim, de pé ali na entrada, branco branco o rosto branco filtrando as cores antigas de emoções tão diferentes, compondo com a moldura da porta o quadro que ainda não sei onde penduro (...)” (idem, p.101). Ana havia decidido embarcar na nau das emoções que pertenciam a ambos. Porém essas emoções eram “diferentes” e poderiam até ser contraditórias entre si, causando um conflito interno em ambos. Por isso, é plausível que, além do amor e do desejo, a culpa e o medo estivessem presentes. Apesar dessas diferentes emoções em conflito, André fechou a porta da casa velha, mas não perdeu a consciência do que estaria por vir. Em nenhum momento, apesar de toda *fenomenologia* das emoções que sentia, ele aparentou perder a lucidez das consequências de seus atos. Isso fica evidente quando ele diz que “[...] fechei a porta, tinha puxado a linha, sabendo que ela, em algum lugar da casa, imóvel, de asas arriadas, se encontraria esmagada sob o peso de um destino forte [...]” (idem, p. 105). André já antevia que as consequências do que estava para acontecer seriam mais devastadoras para Ana do que para ele, mas isso não é nenhuma novidade em se tratando de uma estrutura patriarcal na qual sua família estava ancorada.

A relação incestuosa foi consumada, numa ânsia de vida antagônica a toda estrutura moral que lhes fora ensinada.

[...] ela estava lá, deitada na palha, os braços largados ao longo do corpo, podendo alcançar o céu pela janela, mas seus olhos estavam fechados como os olhos fechados de um morto, e eu ainda me pergunto agora como montei minha força no galope daquele risco, eu tinha meus pelos ruivos e um monte de palha enxuta à minha frente, mas não se questiona na aresta de um instante o destino dos nossos passos, bastava que eu soubesse que o instante que passa, passa definitivamente, e foi numa vertigem que me estirei queimando ao lado dela, me joguei inteiro numa só flecha, tinha veneno na ponta desta haste, e embalando nos braços a decisão de não mais adiar a vida, agarrei-lhe a mão num ímpeto ousado [...] (idem, p. 105-106).

De acordo com a narrativa, podemos perceber que os dois deliberaram o ato. Mesmo quando havia a possibilidade de desistir, nenhum dos dois o fizera. Estavam decididos e não ousaram questionar o destino decorrente do passo que estavam dando. Ter os olhos fechados seria uma alusão ao não querer ponderar veementemente o que estaria por vir? Não seria o medo de ter clareza das consequências que se seguiriam a seus atos? Diante dessas passagens, podemos destacar algumas emoções, tais como amor, medo e culpa que podemos perceber nas passagens sobre o incesto, mas escolhemos o amor que André sentia por Ana para analisá-lo de acordo com aqueles parâmetros básicos relacionados às emoções, os quais elucidamos anteriormente.

Primeiramente, devemos considerar a forma como o amor se manifesta, pois, trata-se de uma emoção que, dependendo do objeto intencional se manifesta de diferentes maneiras. Nesse sentido, a *fenomenologia* apresentada por essa emoção pode variar de uma forma de amor para outra. O amor que a mãe sente por seus filhos apresenta um modo de sentir respaldado no desejo de ver seus filhos bem, no sentimento de acolhimento, no sentimento de cuidar e de prover. O amor manifestado de forma fraterna traz em si o sentimento de alegria de estar junto, de compartilhar, de brincar e também de cuidar. O amor erótico traz alguns sentimentos presentes nos outros tipos de amor, porém, traz algo mais além, que é a possibilidade de um intercuro em diferentes níveis de intimidade com o ser amado. Esse tipo de amor apresenta em sua *fenomenologia* o desejo representado por aquilo que André denominou de fome, a fome pelo ser amado. A fome que André sentia por Ana denotava que a forma de amor que os unia não era a fraterna, conforme se espera que haja entre irmãos.

Quanto à *intencionalidade*, a qual denota uma ligação particular entre a emoção e o objeto intencional dessa emoção, o objeto intencional do amor erótico de André era a irmã. Ele sentia amor pelos outros membros da família, mas era Ana que acendia, que afetava e engendrava o amor erótico no irmão. Ora estamos diante de um tipo de amor que por si só não é indesejável, mas que a depender entre quem se manifesta pode ser julgado como irracional, proibido, indesejável e até pecaminoso. Nesse sentido, uma questão que surge, na perspectiva da filosofia das emoções é se o amor de André por Ana atende aos critérios de correção e justificação. Lembremos que uma emoção só é considerada correta se ela é capaz de se adequar aos fatos. O amor erótico entre irmãos seria correto? É importante frisarmos que a terminologia “correto” ou “correção” não se trata de um julgamento moral. Destarte, quando perguntamos se o amor erótico entre irmãos é correto, estamos nos restringindo a perguntar se a emoção adequa-se aos fatos.

A análise dos fatos relacionados ao amor erótico é um tanto mais complexo do que a análise do medo, por exemplo. Isso se dá porque não se trata apenas de averiguar se determinado objeto é digno de amor, mas em que sentido ele pode ser digno de amor. Dependendo de a quem é direcionado, traz em si uma gama de nuances de cunho biológico, cultural, moral, social e filosófico. Por isso, escolheremos a perspectiva biológica para analisar a correção desse sentimento de André por Ana. O amor erótico nesse caso seria correto se ela fosse um objeto eroticamente amável, ou seja, que atendesse à finalidade biológica do amor erótico. Entretanto, nessa perspectiva em que uma das funções do intercuro sexual é a procriação, o incesto seria indesejável. Filhos de parentes consanguíneos são estatisticamente menos viáveis do que filhos de não parentes. Assim, o ato incestuoso pode resultar em uma população com menor diversidade genética e maior probabilidade de um caráter homozigótico, o que não contribui para a conservação da espécie frente as mudanças no ambiente, como doenças novas ou modificadas. Dessa forma, biologicamente falando, o amor incestuoso não atende ao critério de correção em relação ao processo evolutivo da espécie humana.

Mas, para além da correção, precisamos questionar sobre a justificação dessa emoção. Quais razões André tem para direcionar à sua irmã um amor erótico ao invés do amor fraternal? Seria a beleza de Ana? Será que o fato de admirar a beleza de alguém, justifica sentir desejo carnal por essa pessoa? Provavelmente não, afinal todos os dias nos deparamos com pessoas belas e nem por isso sentimos o despertar da nossa libido. Se eles tivessem sido criados separados, como completos desconhecidos e não tivessem tido a oportunidade de desenvolverem uma relação fraternal, poderíamos até justificar sob a égide de que não houve a construção de uma relação fraterna, mas isso não foi o caso. Portanto, apesar de André perceber sua irmã como uma pessoa eroticamente amável, e, a partir dessa percepção, tomar a decisão de praticar o incesto, seu sentimento, de acordo com os parâmetros através dos quais analisamos essa emoção, não atende aos padrões de racionalidade, por não apresentar correção, nem tampouco justificação. Todavia, isso também ocorre com as outras emoções presentes no contexto analisado?

Se pensarmos no medo que ficou evidente quando ele disse que “[...] fechei a porta, tinha puxado a linha, sabendo que ela, em algum lugar da casa, imóvel, de asas arriadas, se encontraria esmagada sob o peso de um destino forte [...]” (NASSAR, 2016, p. 105); poderíamos questionar se esse medo, produzido pela consciência do “destino forte” que esperava por Ana como consequência do incesto, é racional. O medo apresenta um objeto intencional bem definido, pois o que poderia acontecer com Ana é o que engendra o medo em

André. Mas, essa emoção é correta e justificada?

Para dizermos que o medo sentido pelo irmão é correto, precisamos responder se o que pode acontecer com Ana como implicação do incesto é deveras amedrontador. Na verdade, ao dizer que a irmã seria esmagada sob o peso do destino forte, o protagonista parecia estar pressentindo o que viria acontecer quando o patriarca tomasse conhecimento do ocorrido. E foi justamente o que aconteceu, Ana foi esmagada pela fúria do seu pai, dessa forma, o medo sentido por André é correto e justificado. O seu medo estava totalmente justificado na postura autoritária de seu genitor, na sua rigidez frente às normas de conduta originárias das Escrituras e da moral cristã. De tal modo, o medo de André atende aos requisitos da racionalidade e tal comprovação se dá com o trágico fim a que Ana foi submetida.

Ao tomar conhecimento pela boca de Pedro sobre a relação incestuosa dos filhos, o pai, sempre comedido, racional, exemplar, sempre com suas ideias claras, palavras ordenadas, discursos prontos, perdeu totalmente o seu prumo, o seu equilíbrio e na fúria que se desencadeou, o amor pela filha fora obscurecido. Sem tempo de refletir nem arrefecer suas emoções negativas e destrutivas, desferiu o golpe naquele objeto intencional percebido como a causa de sua desgraça, de sua vergonha. Naquele momento, não só Ana, caía por terra ensanguentada pelo golpe paterno, mas também tudo o que o pai representava estava tombando juntamente com ela, como podemos ver na seguinte passagem:

[...] a testa nobre de meu pai, ele próprio ainda úmido de vinho, brilhou um instante à luz morna do sol enquanto o rosto inteiro se cobriu de um branco súbito e tenebroso, e a partir daí todas as rédeas cederam, desencadeando-se o raio numa velocidade fatal: o alfanje estava ao alcance de sua mão, e, fendendo o grupo com a rajada de sua ira, meu pai atingiu com um só golpe a dançarina oriental (que vermelho mais pressuposto, que silêncio mais cavo, que frieza mais torpe nos meus olhos!) [...] mas era o próprio patriarca, ferido nos seus preceitos, que fora possuído de cólera divina (pobre pai!), era o guia, era a tábua solene, era a lei que se incendiava – essa matéria fibrosa, palpável, tão concreta, não era descartada como eu pensava, tinha substância, corria nela um vinho tinto, era sanguínea, resinosa, reinava drasticamente as nossas dores (pobre família nossa, prisioneira de fantasmas tão consistentes!), e do silêncio fúnebre que desabara atrás daquele gesto, surgiu primeiro, como de um parto, um vagido primitivo Pai! (NASSAR, 2016, p. 194-195).

A ira do pai foi “o peso do destino” que esmagou Ana e a família. Como sabemos, uma das características das emoções é a intensidade com que elas se apresentam: umas são mais amenas e outras são muito intensas, como a que o patriarca sentiu quando soube do incesto, “o rosto inteiro se cobriu de um branco súbito e tenebroso, e a partir daí todas as rédeas cederam”

(ibidem). Todas as rédeas da razão foram quebradas, a força da ira arreventou qualquer resquício do homem sóbrio, sábio, comedido, racional, “era o guia, era a tábua solene, era a lei que se incendiava” (ibidem); nesse momento, não existia mais nenhum vestígio desse homem “razão”. Agora, as “razões” eram embasadas em outros alicerces, em outros preceitos provindos do lado mais obscuro do pai. Obscuro como aquele cesto de roupas sujas que ninguém, exceto André, ousou investigar. O lado que não se atrevia a questionar. O pai ferido nos seus preceitos. O pai que não sabia lidar com suas emoções. O pai que pregava o amor e a união da família e se torna aquele que odeia e aquele destrói a família.

O que será que fez o pai ter uma atitude totalmente avessa ao que sempre ensinou? Por que ele só atacou a filha? Será que foi ainda baseado em seus dogmas? Talvez baseado em uma provável leitura equivocada do trecho da Bíblia em que Jesus diz que se teu olho é mau, arranca-o e lança-o fora, pois “melhor é que entres com um olho só para a Vida do que, tendo dois olhos, seres atirado na geena de fogo.” (Mt. 18, 9); seria o extirpar do galho podre da árvore familiar, que na visão do pai, é a filha que tentou o filho, tal qual Eva tentou Adão?

A despeito de tantas possibilidades que despontam como meio de compreender a atitude paterna ao extirpar a vida da filha, podemos perceber que esse ato foi motivado pela emoção gerada com a descoberta do incesto. Por isso, em relação a essa emoção, a fúria, podemos dizê-la correta e justificada? Para respondermos a essa questão, precisamos primeiramente pensar sobre o objeto intencional da ira paterna. O que desencadeou a ira foi o ato incestuoso ou foi a Ana percebida como a causa desse incesto? Se o objeto intencional fosse o ato em si, o pai não teria direcionado sua emoção à sua filha. Como, por exemplo, Jesus pregava que devemos odiar os atos pecaminosos e não os pecadores. O pai direcionou sua ira a Ana, designando-a como o objeto de sua ira. Nesse caso, a fúria apresentaria os padrões de correção e de justificação?

A fúria se adequa aos fatos? Apenas em parte, pois Ana não praticou o incesto sozinha, não foi a única a afrontar os preceitos paternos, as regras morais de conduta e os desígnios cristãos. Ademais, o ato incestuoso não tinha como objetivo insultar o pai. Mas, ele viu Ana como o objeto intencional de sua ira. A partir dessa percepção, ele se achou no direito de erradicá-la, mesmo sendo um equívoco. O pai estava parcialmente correto em sentir sua ira, pois viu seus preceitos desrespeitados, mas o objeto intencional não estava correto. Todavia, estaria ele justificado? Ele poderia apresentar diversas razões que embasassem seu sentimento de fúria, incluindo estar envergonhado pela conduta dos filhos, estar ferido e magoado pela desobediência dos seus descendentes. Assim, apesar da fúria não ser correta no que toca à adequação à realidade, ela é justificada. Entretanto, é importante ressaltar que estar justificado

em sentir uma emoção não significa dizer que se está justificado em fazer não importa o quê, motivado por essa emoção. A fúria estava justificada, ele tinha razões para senti-la uma vez que seu conjunto de crenças fora ultrajado, mas o assassinato daquela que aos olhos dele catalisou a fúria não está.

Portanto, o ato de assassinar a filha, apesar de ser em decorrência de uma emoção justificada – mas não racional, pois não atendeu ao critério de correção –, é totalmente irracional. Nada justifica o ato decorrente da fúria paterna, mesmo essa emoção estando justificada. Dessa forma, por vezes as emoções podem ser racionais ou irracionais e as consequências dos atos provindos da motivação emocional não seguem necessariamente os mesmos padrões de correção e justificação utilizados na análise das emoções. Entretanto, designar todas as emoções como irracionais não é pertinente pois, como vimos, existem emoções que de acordo com o contexto em que aparecem, apresentam racionalidade próprias.

Considerações finais

A partir do que expomos, é possível perceber que existe um embate entre emoção e razão no romance trágico *Lavoura Arcaica*. Com base nessa constatação, procuramos analisar algumas emoções à luz de alguns parâmetros e características fundamentais na filosofia das emoções. Um dos pontos que buscamos evidenciar foi a questão da racionalidade das emoções baseada nos padrões de correção e justificação. Uma vez que algumas características das emoções foram elucidadas, apresentamos algumas teorias que tentam definir o que é uma emoção e chegamos à conclusão de que, das três teorias apresentadas, a teoria perceptual das emoções nos pareceu mais plausível, em se tratando de elucidar o que é uma emoção por abranger características fundamentais tais como *fenomenologia*, *intencionalidade* e *epistemologia*. Por isso, ao analisar a racionalidade de algumas emoções presentes em passagens importantes, como, por exemplo, o incesto e o assassinato, utilizamos essa teoria perceptual. Como consequência dessa análise, chegamos à conclusão de que existem emoções que são racionais e existem emoções que são irracionais e a racionalidade ou irracionalidade de uma emoção não justifica nenhuma ação ou consequência dessa ação que foi motivada pela emoção. Ademais, mostramos que racionalidade e irracionalidade podem ser consideradas as faces de uma mesma moeda, pois a linha que separa ambas é bastante tênue e não se sabe quando será ultrapassada, a exemplo do patriarca, que sempre se mostrou o alicerce, a proteção e a razão da família, sob o acesso de ira não restou aos seus descendentes senão as questões:

“Pai! Pai! Onde a nossa segurança? Onde a nossa proteção?”

Referências bibliográficas

BEN-ZE'EV, Aaron. The Thing Called Emotion. In: Peter Goldie (org.), *The Oxford Handbook of Philosophy of Emotion*. Oxford University Press. pp. 41-61. 2010.

BÍBLIA. Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Editora Paulus, 2015.

DEIGH, Jonh. Concepts of Emotion in Modern Philosophy and Psychology. In: Peter Goldie (ed.), *The Oxford Handbook of Philosophy of Emotion*. Oxford University Press. pp. 17-40. 2010.

DE SOUSA, Ronald. Emotion. *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (Spring 2013 Edition), E. N. ZALTA (ed.), forthcoming. Disponível em: <http://plato.stanford.edu/archives/spr2013/entries/emotion/>. Acesso em: 04 fev. 2020.

_____. *The Rationality of Emotion*, London: The Massachusetts Institute of Technology 1987.

DEONNA, Julien A., e TERONI, Fabrice. *The Emotions: A Philosophical Introduction*, London: Routledge. 2012.

Haidt, Jonathan. The emotional dog and its rational tail: A social intuitionist approach to moral judgment. *Psychological Review*. 108, 814-834. (2000; [2001]).

MEYER, Michel. *O filósofo e as paixões: esboço de uma história da natureza humana*. Edições Asa, Porto. Portugal. 1994.

NASSAR, R. *Lavoura Arcaica*. In: _____. *Obra Completa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

PEQUENO, Marconi, *10 Lições sobre Hume*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

PRICE, Carolyn. *Emotion*. Polity Press. 2015.

PRINZ, Jesse. *The Emotional Construction of Morals*, Oxford; New York: Oxford University Press, 2007.

_____. *Gut Reactions: a Perceptual Theory of Emotion*, Oxford: Oxford University Press. 2004.

SOLOMON, Robert. *What is an Emotion? Classic and Contemporary Readings*, Oxford: New York: Oxford University Press, 2003.

TAPPOLET, Christine. *Emotions, Value, and Agency*, Oxford University Press UK, 2016.